



**NARRation – Aquisition
of Basic skills In Libraries
and Schools**



Co-funded by the
Erasmus+ Programme
of the European Union



Polónia

A ÁGUA QUE DÁ VIDA

Há muito tempo atrás, numa pequena vila, morava uma velha viúva com os seus três filhos. O filho mais velho era organista na igreja paroquial e era muito sábio. O filho do meio era um bravo cavaleiro. Enquanto o terceiro, o mais jovem, trabalhava no campo como o seu pai o havia feito antes. Os dois irmãos mais velhos tratavam-no como um tonto. Um dia a velhota adoeceu e não havia medicamentos que a pudessem ajudar. Os irmãos procuraram a ajuda de uma mulher sábia que vivia perto da floresta, que lhes deu o seguinte conselho:

- Vocês podem curar a vossa mãe, mas têm que pôr em perigo a vossa própria vida. Na montanha Sobótka existe uma árvore que fala, onde o falcão encantado guarda a fonte da água da vida. Podem obtê-la e voltar em sete dias, mas não olhem para trás nem se afastem do caminho porque irão transformar-se imediatamente numa pedra.

O filho que era cavaleiro chegou à conclusão de que ele era o único que tinha coragem suficiente. Assim, despediu-se, pegou na sua espada e foi-se embora.

Passou uma semana e o cavaleiro não voltou. Os dois irmãos foram à mulher sábia pedir um novo conselho.

- Não esperem mais pelo vosso irmão. Ele não vai voltar. Transformou-se em pedra e vai ficar na montanha Sobótka.

Os irmãos ficaram muito tristes. O irmão mais sábio decidiu ir sozinho.

- É preciso uma cabeça sábia para superar o diabo.

Pegou num aspersionador e meteu-se a caminho.

Passou uma semana e o organista não voltou. O irmão mais novo foi à mulher sábia pedir um novo conselho.

- Estás à espera do teu irmão em vão. - Disse-lhe ela. - Pois ele não vai voltar nunca mais. Está na montanha Sobótka, transformado em pedra.

O filho mais novo da viúva lamentou a perda de outro irmão. Correu para dentro de casa e pegou num pão, pendurou uma foice ao ombro e partiu para sul.

Andou durante três dias, ao longo de três rios e três florestas, antes de chegar ao sopé da montanha. Era enorme, a sua extremidade desaparecia nas nuvens, e as encostas íngremes estavam cobertas por uma floresta negra. O filho mais novo da viúva começou a subir, sem reparar nas pedras que feriam os seus pés, nos répteis venenosos, que se lhe enrolavam nas pernas e o mordiam até ao sangue, ou nas ervas venenosas, que rasgavam as suas roupas. Caminhou muito tempo, até ouvir uma voz atrás de si:

- Ei, ei! Rapaz! Aonde é que vais? Esse não é o caminho.

Ele estava prestes a olhar para trás, quando se lembrou das palavras da velhota e, ignorando a chamada, seguiu em frente. De repente, apareceu outro caminheiro que perguntou:

- Para onde é que vais? Vais à procura de quê no topo da montanha?
- À procura de água viva. - Responde o filho da viúva.
- Segue este caminho e pelo caminho, vais ver que tudo melhora. Ele apontava para a esquerda, para um caminho que subia sinuosamente de forma suave. Contudo, por mais que o caminheiro o instasse, o mais jovem dos irmãos recusou-se a ser tentado por um caminho mais fácil.
- Para o diabo que te carregue! – Gritou o caminheiro com raiva, pulando para o lado e desaparecendo...

O jovem começou a subir quando ouviu cães a ladrar atrás dele. Uma matilha gigante estava quase a alcançá-lo, quase apanhavam os seus pés, mas não se virou. O barulho desapareceu tal como tinha surgido, e logo que isso se deu as chamas deflagraram à frente do jovem. A floresta inteira, que estava no seu caminho, ardia num grande incêndio, as árvores caíam umas sobre as outras e com o vento choviam fagulhas que lhe batiam na cara. Tal não impediu o jovem. Cobriu a boca com a manga e começou a correr, queimado e exausto, para chegar ao outro lado do inferno, vendo que o pico da montanha estava próximo.

No seu caminho ainda se erguia uma parede vertical com uma grande caverna, à entrada da qual estava o dragão das sete cabeças a dormir. Ao som de passos humanos a besta saltou e caiu com estrondo em frente ao destemido. Ele também, sem esperar, saltou para a frente do monstro e cortou com a foice sete vezes e a cada corte caía uma cabeça de dragão. Pela boca do dragão o diabo tentou seduzir o jovem com bebida, riqueza e bela música, mas ele cobriu os olhos e conseguiu chegar ao topo da Montanha Sobótka, onde se encontrava uma árvore solitária, cujas folhas prateadas tilintavam suavemente. Das suas raízes jorrava uma fonte limpa, e sentado no ramo mais alto estava o falcão dourado. O pássaro despertou imediatamente ao ver o jovem e desapareceu nas nuvens. O filho mais novo coxeou até à fonte e começou a beber água. Num instante, a fadiga desapareceu e curou todos os ferimentos recebidos durante a viagem. Ele estava de pé, saudável e feliz, e, em seguida, do céu desceu para o seu ombro o falcão dourado com um jarro no bico. Ouvindo os conselhos do falcão, o jovem cantou para cortar um dos ramos da árvore, pegou no jarro de água e salpicou com ela o caminho de volta a casa.

E ali estava, diante dele, uma maravilha incrível! A cada gota de água que caía sobre uma pedra um homem emergia, que lhe agradecia pela alegria da libertação. Com ele desceu um grupo de pessoas que ali tinha ficado desde que tinham tentado chegar ao topo da montanha mas que o não conseguiram por se terem transformado em pedras. Com eles vinham também os dois irmãos do jovem - os únicos que não estavam felizes.

Depois de regressar à sua aldeia natal, o filho da viúva salpicou a mãe com a água e a velhota abriu os olhos e levantou-se, saudável como se nunca tivesse estado doente. Os irmãos mais velhos, com ciúmes do que o mais jovem tinha conseguido fazer e que eles tinham falhado partiram para outra cidade.



Entretanto, no local de uma aldeia pobre, havia agora uma cidade rica com um palácio no meio, onde o filho da viúva vivia com uma bela esposa. E como acontece nos contos de fadas, viveram felizes para sempre, governando um povo grato, que havia sido libertado da maldição da pedra.

